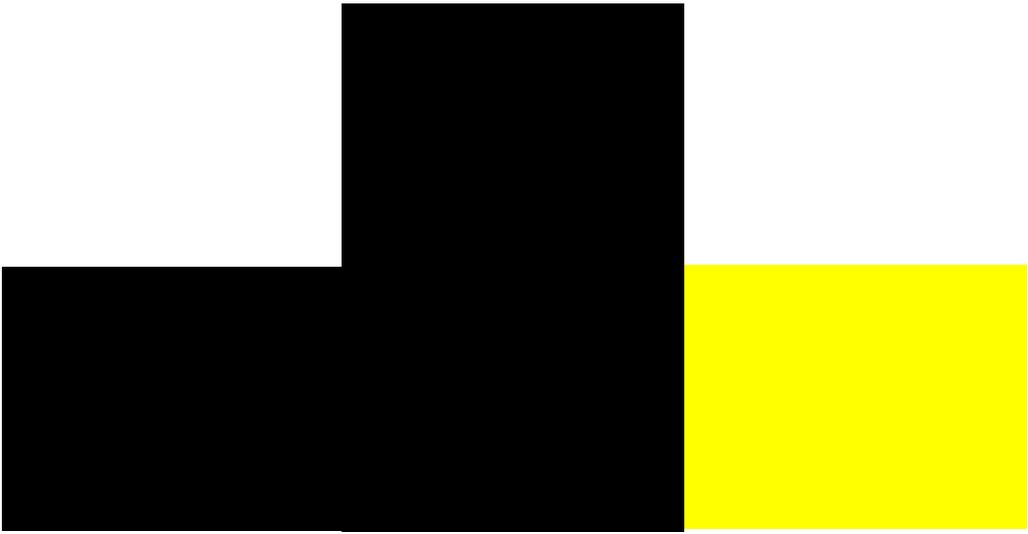


# Os levantes democráticos que nos faltam

Giuseppe Cocco

*Professor titular da UFRJ. Coordenador do Laboratório Território e  
Comunicação (LabTeC/UFRJ)*



## 1. Impureza dos levantes, geometria das revoluções

Na introdução de seu livro *"Revolution"*<sup>1</sup>, o historiador Enzo Traverso critica duramente a exposição *"Soulèvements"* organizada por Didi-Huberman<sup>2</sup>. Ele está particularmente incomodado com a foto de Gilles Caron que ilustra a capa do catálogo e ainda mais com sua legenda: "manifestantes anticatólicos". Estamos na batalha de Bogside entre católicos e protestantes em Londonderry em agosto de 1969: dois jovens garotos atiram pedras como se executassem a coreografia de um balé. Essa imagem seria um *desvio*, pois mostra não um levante, mas uma submissão: "a dança mortal da segregação que os católicos sofreram por muitos séculos"<sup>3</sup>. Mesmo que a imagem seja esteticamente muito poderosa, "a elegância de um gesto que evoca a beleza de uma performance atlética não esclarece seu significado político"<sup>4</sup>. Didi-Huberman contesta a crítica com pelo menos três argumentos: primeiro, ele a define como "sectária", porque ambos os autores estariam do "mesmo lado da barricada"; em segundo lugar, ele afirma que a distinção clássica formulada por Arno J. Mayer e utilizada por Traverso entre revolta e revolução estabelece uma hierarquia política questionável entre os levantes (irracionais, desejados, desesperados) e as revoluções (esperança organizada em torno de um projeto); finalmente, a legenda da foto de Gilles Caron estaria errada, os manifestantes seriam na verdade católicos, os oprimidos<sup>5</sup>. Traverso, portanto, seria vítima de uma "negligência de leitura": ele não toma o tempo necessário para captar uma sensibilidade que se levanta "contra toda pureza"<sup>6</sup>.

Traverso replica e radicaliza: ao produzir "imagens de pensamento" que "recusam separar a corporalidade das lutas de sua intencionalidade política", cai-se na estetização

<sup>1</sup> Enzo Traverso, *Révolution. Une histoire culturelle*. Tradução do inglês de Damien Tissot, La Découverte, Paris, 2021.

<sup>2</sup> Jeu de Paume, Paris, 2016.

<sup>3</sup> Guillaume Blanc-Marianne <https://aoc.media/analyse/2023/05/03/image-legendee-histoire-legendaire-coda-a-la-querelle-didi-huberman-traverso-1-2/>

<sup>4</sup> Traverso, *Révolution*, cit., p. 21.

<sup>5</sup> "Prendre Position (politique) et prendre le temps (de regarder)", *Analyse Opinion Critique AOC*, 5 mai 2022.

<sup>6</sup> Georges Didi-Huberman, *Atlas ou la Gai savoir inquiet*. Cit., p. 13.

do político ao invés de promover uma politização da cultura, segundo a famosa fórmula de Walter Benjamin<sup>7</sup>. Didi-Huberman responde mais uma vez. Já não estamos mais do "mesmo lado da barricada"<sup>8</sup>. Temos, portanto, dois campos que se confrontam em torno da iconologia que atravessa a história cultural a partir de concepções opostas da dialética da imagem: de um lado, a beleza do gesto do levante; do outro, a geometria da revolução. Os levantes seriam emocionais e corpóreos enquanto as revoluções se situariam mais do lado da racionalidade. Enquanto Didi-Huberman se concentra nas imagens em si, Traverso examina as imagens explicadas.

### 1. Além da pausa, a potência de um sopro

No catálogo da mesma exposição, para falar sobre levantes, Antonio Negri usa a metáfora e a mitologia do halterofilismo: o atleta que levanta os pesos, Atlas que sustenta o céu. O ponto central de sua reflexão é a *pausa* que separa a performance em dois momentos: levantar a barra do chão até o peito e depois tentar erguê-la acima da cabeça, com os braços estendidos para o céu<sup>9</sup>. O levante agencia a potência do portador e o sofrimento que ele suporta sob a carga que levanta<sup>10</sup>. Quando a pausa não se torna uma interrupção — continua Negri — algo como uma criação do mundo acontece, um excesso de ser: "um gesto de *força*, mas realizado como um *sopro*"<sup>11</sup>. O levante torna-se revolução. Quando isso ocorre na dinâmica coletiva, quando estamos "todos juntos, (...) tudo é *alegria*"<sup>12</sup>. Eis o milagre da transfiguração da força e da violência em seu oposto: o sopro e a alegria criativa.

A partir dessa poética do sopro coletivo como criação revolucionária, Negri propõe uma reflexão sobre as armadilhas e os limites da ação. O limite seria a derrota; a armadilha, por sua vez, encontrar-se-ia em uma ontologia negativa. A ontologia negativa

<sup>7</sup> Enzo Traverso, "Soulèvements/égarements", AOC, 2 de julho de 2022

<sup>8</sup> « Qu'est-ce qu'une image de gauche ? », AOC, 18 juillet 2022.

<sup>9</sup> Negri, "L'événement", in Didi-Huberman, *Soulèvements*, Cit.

<sup>10</sup> Georges Didi-Huberman, *Atlas ou la Gai savoir inquiet. L'œil de l'histoire*, 3. Minuit, Paris, 2011, p.88.

<sup>11</sup> Negri, "L'événement", cit.

<sup>12</sup> Ibid.

ocorre quando "o peso do levante não pode mais ser suportado", podendo acontecer que se fuja "da materialidade desse processo (e) se instale assim um desejo derrotado, frustrado, triste (...) <sup>13</sup>". Esse é um tema que encontramos em uma análise de "*L'uso dei corpi*" de Giorgio Agamben <sup>14</sup>. Negri escreve: "sua pesquisa não conduz nem à construção de uma comunidade possível, nem à definição de um poder, mas apenas a um poder destituente, a uma comunidade inoperada" <sup>15</sup>. Para Agamben, o poder *constituente* é consubstancial ao poder *constituído* <sup>16</sup>. Em contraste, segundo Negri, o poder constituinte é sempre uma "luta contra o poder constituído", uma ontologia positiva e alegre. Mas, como funciona essa ontologia alegre?

## 2. A potência do sopro à prova das derivações autoritárias

Em março de 2023, exatamente dez anos após o grande levante de junho de 2013 <sup>17</sup>, um jornalista de destaque do maior jornal diário brasileiro criticou a proposta de uma "assembleia constituinte exclusiva" formulada por um senador do Partido dos Trabalhadores <sup>18</sup>: "Todo esse debate (sobre assembleias constituintes) foi minado pelas experiências na América Latina onde vários governos as utilizaram (...) para aumentar o poder do executivo, como ocorreu na Venezuela de Hugo Chávez, na Bolívia de Evo Morales e no Equador de Rafael Correa". No mesmo artigo, ele destaca que a "base teórica para a manipulação de referendos e do próprio instrumento da assembleia constituinte para dar mais poder aos presidentes do dia é o livro *O Poder Constituinte - ensaio sobre as alternativas da modernidade*, do filósofo italiano Antonio (Toni) Negri" <sup>19</sup>. Ele também menciona que, dez anos atrás, no tumulto do levante, o *mesmo* jornalista havia publicado

<sup>13</sup> Ibid., p. 40.

<sup>14</sup> Neri Pozza, Vicenza, 2014. *O Uso dos Corpos*, Boitempo, São Paulo, 2017.

<sup>15</sup> Antonio Negri, "Giorgio Agamben, quando l'inoperosità è sovrana", *Il Manifesto*, 2014.

<sup>16</sup> A. Negri, "Ce divin ministère des affaires de la vie sur terre", *La Revue Internationale des Livres e des Idées*, Janeiro de 2008.

<sup>17</sup> Giuseppe Cocco et Yann Moulier Boutang, "La première révolte de la multitude du travail métropolitain", *Multitudes*, 2013/3 (n. 54), pp.19-31. Ver também Giuseppe Cocco: "Lula, 10 ans après juin 2013", *Multitudes*, 2023/2, n. 90.

<sup>18</sup> Murilo Fagundes, "Humberto Costa sugere novas Constituinte para reforma política", *Poder360*, 12 de março de 2023.

<sup>19</sup> Merval Pereira, "Buscando atalhos", *O Globo*, 14 de março de 2023, p. 2.

um artigo sobre o *mesmo* tema, criticando a mesma proposta com os mesmos argumentos. A convocação de Assembleias Constituintes, ele enfatizou, é um "tipo de ação fundamentalmente antidemocrática, pois uma coisa é criticar as ações do Congresso e exigir mudanças em sua ação política para se aproximar daqueles que representa, isto é, os cidadãos (...), outra é querer contornar o poder legislativo, estabelecendo um vínculo direto com o eleitorado por meio de um governo plebiscitário, o que leva ao populismo e ao autoritarismo"<sup>20</sup>. Naquela época, ele também denunciava explicitamente o papel da filosofia política de Negri.

Hoje sabemos que a experiência chavista se transformou em uma ditadura e um pesadelo para os venezuelanos justamente por ter conseguido quebrar a independência das outras esferas institucionais. Os plebiscitos e as assembleias constituintes serviram a uma nova e perversa forma de bonapartismo. Por outro lado, no Brasil, a resiliência democrática diante do fascismo bolsonarista pôde contar com os poderes constituídos (notadamente da Suprema Corte)<sup>21</sup>.

Isso significa que o poder constituinte é uma ameaça à democracia? Ele coincide com as chamadas assembleias constituintes ou trata-se de algo diferente, como mostra o caso chileno? A polêmica em torno dessa noção pode nos ajudar a resolver o debate sobre revoluções e levantes ou será a oposição entre Traverso e Didi-Huberman que pode nos permitir entender melhor os enigmas do poder constituinte?

#### **4. Após a imagem**

Curiosamente, a polêmica sobre revolução e levantes ocorre sem muita atenção à historicidade do conflito que acontecia na época da foto entre católicos segregados e unionistas opressores na Irlanda do Norte. O que aconteceu depois? Nos termos de Negri, houve uma derrota ou os pesos do levante caíram na armadilha da ontologia negativa? Se a Irlanda do Norte passou por um longo calvário de violências entre católicos e unionistas,

---

<sup>20</sup> Merval Pereira, "Democracia Direta", *O Globo*, 25 de junho de 2013.

<sup>21</sup> Jeudiel Martinez, "Chavez est vivant, la lutte continue", *Multitudes*, 2019/3, pp. 7-11.

esses conflitos foram de fato transformados e um acordo de paz foi estabelecido. Além das lendas e das lendas (da exposição e da foto), católicos e unionistas hoje disputam nas dinâmicas da democracia: seus conflitos transformaram as formas de vida<sup>22</sup>. Os levantes irlandeses não ficaram sem consequências, mas estas não foram nem simplesmente repressivas, nem realmente constituintes e muito menos revolucionárias. Foi no terreno instituinte que essa transformação pôde se afirmar ao ponto de que, em fevereiro de 2024, uma líder nacionalista (do Sinn Fein) foi eleita Primeira-Ministra do Ulster<sup>23</sup>. Portanto, pode-se perguntar se, em suas respostas a Traverso, Didi-Huberman não estava demasiadamente preocupado em manter-se "do mesmo lado da barricada". Não são as barricadas que permitem sustentar posições diferentes, mas a democracia como produto e terreno de um conflito que não desemboca no absoluto. Quando o canhão não encontra limites, é o terror que surge. E não é a crítica de Arno Mayer aos levantes que poderia salvar os regimes produzidos pelas "revoluções" na Rússia, bem como na China ou em Cuba<sup>24</sup>. Ao contrário do que diz Traverso, o comunismo-regime não é diferente do comunismo-revolução e não há nada a lamentar de seu colapso<sup>25</sup>. Ao contrário, os levantes democráticos são, por isso, liberados.

O debate não é entre "revolta desejanje" e "revolução racional", mas sobre o lugar e o papel do que Maquiavel chama de necessidade. A democracia é a forma de governo e de vida capaz de reverter a relação com a necessidade: os fins encontram os meios, no entanto (*nondimanco*), esse encontro institucionaliza a tensão entre os dois, ou seja, entre a regra e sua derrogação<sup>26</sup>.

### ***5. A democracia instituinte, todavia***

---

<sup>22</sup> Para obter uma cronologia detalhada dos acordos de paz, consulte The Irish Peace Process - Chronology of Key Events (April 1993 - April 1998), disponível em <https://cain.ulster.ac.uk/events/peace/pp9398.htm>

<sup>23</sup> "Irlande du Nord: Michelle O'Neill, élue officiellement première ministre, *Le Monde*, 3 février 2024.

<sup>24</sup> Arno Mayer, *The Furies: Violence and Terror in the French and Russian Revolutions*, Princeton, Princeton 2000.

<sup>25</sup> Enzo Traverso, *Révolution*, cit., p. 494.

<sup>26</sup> Carlo Ginzburg, *Néanmoins*, traduzido do italiano por Martin Rueff, Verdier, Paris, 2018.

Porém, da mesma forma que Didi-Huberman hesita em lembrar a longa série de tragédias que marcam a história das revoluções, em seu ensaio sobre halterofilismo, Negri baseia sua ontologia alegre em uma sedimentação hierarquizada dos diferentes levantes. Ele nos fala das revoltas americanas, daquelas dos jovens londrinos ou das crianças de imigrantes na França. O levante brasileiro de junho de 2013, a revolução das multidões ucranianas na praça Maidan, as ruas de Caracas contra a ditadura chavista, as revoltas na Nicarágua contra a ditadura sandinista ou em Cuba contra a fome nem sequer merecem ser nomeadas. Claro, pode-se dizer que são omissões em uma lista aleatória e não exaustiva. Ainda assim, tem-se a impressão de que se trata de revoltas canonizadas, algo como as pérolas de um rosário, a liturgia de uma respiração que continuaria "de soprar da Comuna aos soviets, das insurreições metropolitanas às primaveras do novo proletariado"<sup>27</sup>. Uma conferência de Negri em Oxford (2012) confirma que se trata de uma doxa. A Guerra Fria, diz ele, era uma invenção destinada a "manter o isolamento da URSS"<sup>28</sup> e a queda do Muro de Berlim teria um único efeito positivo, o de permitir uma construção europeia antiamericana. Da mesma maneira que em sua geologia dos levantes não há espaço para a geopolítica das contestações não rotuladas "de esquerda", nessa Europa antiamericana pensada por Negri não há espaço para os desejos democráticos das multidões dos países do Leste. Paradoxo em abismo: a Europa antiamericana que Negri sonha é puramente ocidental. Para ele, a busca dos Bálticos, dos Poloneses, dos Romenos (e mais recentemente da Finlândia e Suécia) para se protegerem na aliança atlântica seria o resultado do imperialismo yankee. A resistência ucraniana, escreve ele com Nicolas Guilhot, é "uma guerra por procuração entre potências nucleares (...) "<sup>29</sup>. As multidões de Maidan aparentemente não sedimentaram nada e sua resistência é mais temida que o fascismo russo<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Negri, "Événement", Cit., p. 44.

<sup>28</sup> Antonio Negri, *Intervento Volcano*, Oxford, 12 de maio de 2012 (manuscrito).

<sup>29</sup> Toni Negri et Nicolas Guilhot, « New Reality ? », *New Left Review*, 19 août 2022

<sup>30</sup> Cf. Bruno Cava et Giuseppe Cocco, "Est-il plus facile d'imaginer la fin du monde que la fin de Poutine?", *AOC*, 5 décembre 2022, disponible <https://aoc.media/opinion/2022/12/04/est-il-plus-facile-dimaginer-la-fin-du-monde-que-la-fin-de-poutine/>

## 6. Os levantes democráticos que nos faltam

Os levantes radicalmente democráticos que nos faltam hoje diante da ascensão quase inexorável dos novos fascismos e da guerra em grande escala que eles fomentam estão presos na armadilha dessas *inversões de sentido*. Mas é bem nas ruas de Tbilisi, Budapeste, Varsóvia, bem como em Odessa que essas energias se manifestam. O melhor da Europa está fora da Europa, nos jovens ucranianos que resistem ao fascismo russo. Da mesma forma, o melhor do Ocidente está fora do Ocidente, nas jovens mulheres iranianas que soltam seus cabelos enquanto correm o risco de serem assassinadas por isso. Talvez na vitalidade desses *levantes democráticos* que o debate sobre a revolução seja superado tanto quanto a oposição entre poder constituinte e poderes constituídos. De qualquer forma, encontramos-nos no coração da famosa reflexão "guepardesca" de Giuseppe Tommasi di Lampedusa: "Se queremos que tudo fique como está, é preciso que tudo mude. Está claro?". Carlo Ginzburg lembra que essa frase é uma derivação invertida de Maquiavel nos *Discursos*: "Quem, numa cidade livre, quer reformar um governo antigo, que conserve ao menos a sombra dos costumes antigos". A inversão é evidente: de um lado, "Se queremos que tudo mude, é preciso que algo permaneça como está (*Discursos*); do outro, "se queremos que tudo fique como está, é preciso que tudo mude" (*Gattopardo*). "O fim é oposto: revolução no primeiro caso, conservação no segundo. Os meios são idênticos: mudança (parcial no primeiro caso, total no segundo)". Eis o paradoxo: "é o conservador, e não o revolucionário, que leva a mudança a seus extremos finais ('tudo ... tudo')". Ginzburg conclui, como acabamos de fazer pela Irlanda do Norte, olhando o que aconteceu na Sicília após o *Gattopardo*: "(...) a mil léguas do 'refus du changement en soi' (...), a mudança política existe, assim como existe, em um nível mais profundo, a 'lenta substituição das classes' (...)". Mas enquanto Ginzburg termina em um tom melancólico, situando a especificidade histórica no horizonte de sua contingência cósmica, nós precisamos multiplicar os esforços para mobilizar os levantes democráticos que nos faltam.